



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR  
Blumenau - SC - Brasil

---

## DÚVIDAS E INCERTEZAS DO JOVENS NA CONTINUIDADE DAS ATIVIDADES FAMILIARES

**Laércio de Souza** (FURB/IFC) - laercio.prof@gmail.com

*Doutorando e Mestre em Desenvolvimento Regional pela FURB - Universidade Regional de Blumenau, graduação em Pedagogia pela UDESC/ Universidade do Estado de Santa Catarina (1986). Especialista em Pedagogia Gestora pela SOCIESC/UNIVILE. Especialista em Gestã*

**Valmor Schiochet** (FURB) - valmor@furb.br

*Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (1998). Possui graduação em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque (1984), mestrado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988) Professor da Fundação Universida*

## **Dúvidas e Incertezas dos Jovens Rurais na continuidade das Atividades Familiares**

### **RESUMO**

O meio rural transforma-se em um espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado e a juventude é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, associada com a falta de perspectivas para que vivam da agricultura. Ao considerarmos o jovem rural como ator, é possível compreender a sua relação com a família e com outros meios e, a forma como esta relação interfere em suas vidas, em determinados contextos, são partilhados normas, valores, princípios, e relações de poder. Essa condição juvenil não é única, tendo sua heterogeneidade marcada por critérios como: as condições familiares, as ações em relação ao trabalho na agricultura, o acesso aos estudos, o gênero, a situação civil, e a proximidade com o meio urbano. Mas, outra percepção importante, é que, como atores sociais, os jovens apesar de viverem as condições do espaço rural em que estão inseridos, também atuam sobre ele: a partir dos conhecimentos adquiridos em outros espaços, eles definem a suas escolhas e estas interferem diretamente na sua família e na sua comunidade. Significa pensar o jovem rural como um ator dinâmico que vivência mundos diferentes, atribuindo a eles sentidos específicos e a partir de suas interpretações reflexivas, interfere na transformação de sua unidade familiar e, podendo afetar toda a sua comunidade ao seu redor. O uso no meio rural destas vivências e observações pode resultar na incorporação de referências urbanas no espaço rural ou de referências rurais no espaço urbano, tendo em vista que é uma conexão de mão dupla. Assim, revelar a estrutura da categoria dos agricultores familiares da região do Alto Vale do Itajaí, especialmente no que tange a participação da Juventude rural nos sistemas produtivos e, o sistema de relações que eles mantêm com os outros grupos (seu pertencimento social), por um lado e, a trajetória social dos agentes que reclamam o título e as representações que eles tem deles mesmos (seus interesses e afinidades eletivas), de outro lado, mostram o processo de produção identitária e sua posição no campo econômico, são os planos de análise que

serão investigados para o entendimento dos processos de produção das estratégias de desenvolvimento da agricultura familiar no Alto Vale do Itajaí.

**Palavras Chave:** Juventude. Geração. Gênero. Dúvidas e incertezas.

## 1.INTRODUÇÃO

A compreensão das relações geracionais é fundamental para explicar o problema da mudança social, principalmente em termos de desenvolvimento regional. Dessa forma, conclui-se que dependendo de como as novas gerações são introduzidas no processo de desenvolvimento de uma determinada região, existem maiores ou menores probabilidades de mudanças sociais na dinâmica desse mesmo processo. Existem diferentes maneiras de ser e de viver a juventude, ou seja, é possível fazer menção a diferentes coletivos, a partir de alguns critérios que vão além do fator etário, pois o mesmo por si só não é soberano.

As condições de vida de um(a) jovem no contexto rural brasileiro possibilitam a elaboração de questões sobre as construções geracionais e identitárias da categoria e suas disputas, bem como sobre as próprias relações de hierarquia reproduzidas nesses processos, cujos discursos dão destaque ao papel por eles ocupado. O jovem, como categoria, porta o “peso” da transitoriedade, sendo, portanto, tratada como aquela sobre a qual se deve atuar e tendendo a não ser percebida por suas configurações como ator social. Tais relações são reveladoras das disputas de significados de outra categoria social denominada juventude rural e da posição que as pessoas assim identificadas ocupam na hierarquia das relações sociais (CASTRO, 2008).

Lewis Carroll (pseudônimo do professor de matemática Charles Lutwidge Dodgson da Universidade de Oxford) escreveu em *Alice no país das maravilhas* (*Alice's Adventures in Wonderland*, 1865): *Que Caminho devo tomar ?*

“- *Gato Cheshire*, quer fazer o favor de me dizer qual o caminho que eu devo tomar?

- Isso depende muito do lugar onde você quer ir – disse o *gato*.
- Não me interessa muito para onde... - disse *Alice*.
- Não tem importância então o caminho que você tomar – disse o *gato*.

- Contanto que eu chegue a algum lugar – acrescentou *Alice* como uma explicação.

- Ah, disso posso ter certeza – disse o *gato* – desde que caminhe bastante.”

A resposta do *gato* tem sido frequentemente citada para exprimir a opinião de que os jovens muitas vezes não sabem para onde está caminhando a humanidade e, além disso, não se importam muito. A necessidade de conhecimento das consequências, no ato de tomar decisões, está implícita na observação do *gato* de que *Alice* chegaria certamente a algum lugar se caminhasse bastante. Para que esse algum lugar não se revele indesejável, é melhor fazer escolhas conscientes do lugar para onde se quer ir.

A inquietação aqui apresentada e relacionada com a história da *Alice* fundamenta-se na expectativa que eles lançam sobre o seu futuro, se a mesma não encontra respaldo nas condições em que se encontram assentado à vida no meio rural, ela é direcionada para o meio urbano que, na percepção da juventude, oferece mais condições de realização pessoal, profissional e financeira.

De acordo com Puntel et al (2011), no contexto da agricultura familiar e dos processos econômicos recentes que transformam o rural em um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola, a juventude rural chama a atenção como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos. O abismo que havia entre a cidade e o campo, hoje não passa de uma linha tênue, onde as diferenças existentes não podem ser entendidas somente como um rural primitivo, ou um urbano civilizado. Os jovens cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem, ao mesmo tempo em que percebem sua autoimagem refletida no espelho da cultura urbana. Estão situados em meio a uma cruzada que ainda os prende à família e, à escola, entre o início da vida profissional e o casamento, entre a dependência e a autonomia econômica.

Nesse sentido, sendo primordial a existência do fator humano como parte crucial para o desenvolvimento, figuram com especial importância os jovens, compreendidos como uma parcela significativa da população que representa a

perspectiva da promoção de mudanças sociais relevantes, assumindo assim funções estratégicas dentro das unidades de produção familiar.

## 1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Partindo dessa analogia da história de “Alice no país das maravilhas”, pretende-se analisar os caminhos<sup>1</sup> que se apresentam aos jovens rurais sob o olhar<sup>2</sup> dos alunos do IFC – Instituto Federal Catarinense, oriundos dos terceiros anos em 2017/2018/2019 dos Cursos Técnicos em Agropecuária e Agroecologia pertencentes aos Campus do IFC de Rio do Sul.<sup>3</sup> Observando os aspectos econômicos, socioculturais e apego a propriedade rural (ao que se faz) e de desenvolvimento territorial sustentável (a conservação do meio ambiente e sustentabilidade).

Os critérios elencados para esta definição foram: aluno(s) concluinte(s) e egressos do curso Técnico em Agropecuária e Agroecologia Turma 2017-2019 do IFC, provenientes da área rural de preferência, filho (a) de agricultor quando possível, e que possuam relação com o meio rural desenvolvendo atividades agrícolas ou/não agrícolas dentro ou fora de sua propriedade, respeitando ambos os sexos masculino e feminino. A escolha desta região se deu, especialmente, pela representatividade da agricultura familiar e pela paisagem rural ainda fortemente preservada.

A condição do meio rural está relacionada à sua capacidade de oferecer oportunidades de obtenção de renda, acesso a infraestruturas e serviços, sendo tal aspecto importante para pensar a permanência e/ou compreender a migração de jovens para as cidades. Há uma especificidade ao se tratar da juventude rural, que apesar de ser já percebida como um sujeito específico com desejos, sonhos, problemas e questões específicas, pertencem a uma família que é encarada no contexto do campesinato como uma comunidade familiar que se constitui como

---

<sup>1</sup> Caminhos – entendido aqui como possibilidades, alternativas, oportunidades pessoais e profissionais.

<sup>2</sup> Olhar- entendido aqui como percepção, observar, assistir.

<sup>3</sup> O Instituto Federal Catarinense (IFC) foi criado pela Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, e teve origem na integração das escolas agrotécnicas de Concórdia, Rio do Sul e Sombrio e dos colégios agrícolas de Araquari e Camboriú, que eram vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina. Hoje, a trajetória formativa do IFC se integra às demandas sociais e aos arranjos produtivos locais/regionais com cursos da educação profissional e tecnológica: qualificação profissional, educação profissional técnica de nível médio, graduação e pós-graduação – *lato e stricto sensu*.

comunidade afetiva, de interesses e de conflito e vive uma relação específica que não pode, por outro lado, ser confundida com uma relação familiar urbana (WANDERLEY, 1999).

Amartya Sen, (2000,p.10), entende que “{...}o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua questão de agente”. Dessa forma, a dinâmica e o processo de desenvolvimento regional configuram-se como um complexo objeto de estudo, dadas as diferentes condições intrínsecas e externas existentes dentro e entre diferentes localidades que compõem o território observado.

Para desvendar as possíveis relações existentes entre juventude rural e o processo de desenvolvimento do território do Alto Vale do Itajaí, faz-se necessário realizar algumas opções teóricas sobre o recorte de análise dessas categorias. Busca-se com relação no olhar dos jovens evidenciar o papel primordial que eles apresentam na manutenção das identidades, do tecido social e do próprio território rural.

Seguindo essa linha de raciocínio, Ferreira de Lima (2012),{...} o desenvolvimento regional compreende a realização do bem estar de toda a sociedade, sem o esgotamento de todos os recursos naturais, transformando economias atrasadas em avançadas, diminuindo as disparidades sociais e equilibrando as necessidades de todos, criando condições para que as pessoas possam viver numa sociedade em que respeitem as diferenças e os direitos individuais.

Assim, o universo da pesquisa concentra-se na faixa etária de 17 a 29 anos, período em que os jovens geralmente concluem seus estudos no Ensino do 2º Grau e, fazem projeções para continuação dos estudos (quando conseguem) ou integram-se ao mercado de trabalho (se já não o fizeram precocemente, como se verifica na realidade brasileira) e formam famílias, ou na maioria das vezes retornam a seus lares para juntos aos seus familiares tocarem a propriedade familiar. Ou seja, assumem responsabilidades reservadas à fase adulta.

Desta forma, o Quadro 1, representa a configuração deste coletivo nos anos de 2017-2019:

**Quadro1.** Número de Matrículas nos Cursos Técnicos Agropecuária e Agroecologia do IFC - Campus Rio do Sul entre os anos de 2017 e 2019.

		TERCEIROS ANOS		
		2017	2018	2019
Agropecuária	Matriculados*	41	75	59
Integrado	Concluídos no ano**	24	37	34
	Concluídos total***	35	71	50
Agroecologia	Matriculados*	17	19	24
Integrado	Concluídos no ano**	3	7	11
	Concluídos total***	13	18	15

\*Número de alunos matriculados naquele ano

\*\*Número de alunos que concluíram o curso naquele ano

\*\*\*Número de alunos que concluíram o curso até 31/12/2020

Fonte: Coordenação de Registros Acadêmicos/IFC/Rio do Sul – RACI 01/02/2020.

Elaboração: Laércio de Souza, 2020.

De acordo com os critérios<sup>4</sup> elencados anteriormente a participação na pesquisa teve o caráter voluntário e, do total de 120 questionários *online* enviados foram respondidos o total de 66 questionários, que representam 55% dos questionários enviados (Quadro 2), sendo que caso os familiares dos alunos não atuassem em atividades agrícolas ou não residissem no espaço rural, automaticamente o formulário não permitiria o preenchimento, tal roteiro foi sistematizado utilizando-se da ferramenta *Google formulários*.

Quadro 2. Total de participantes da pesquisa por categoria alunos atuais e egressos e que desenvolvem atividades agrícolas.

Total de Questionários Enviados	Respondentes Alunos Egressos	Respondentes Alunos Atuais
<b>120</b>	30	90
<b>Familiares que desenvolvem atividades agrícolas</b>	90% (27 alunos)	40% (36 alunos)
<b>Familiares que não desenvolvem atividades agrícolas</b>	10% (3 alunos)	60% (54 alunos)

Fonte: Elaborado por Laércio de Souza, 2021.

<sup>4</sup> Este artigo utiliza dados da pesquisa de doutorado do autor principal em andamento no Programa de Doutorado em Desenvolvimento Regional na FURB /SC.

Desta forma temos a seguinte composição: 27 alunos egressos dos cursos técnicos representando 90% dos questionários preenchidos desenvolvem atividades agrícolas e, 36 na categoria alunos Atuais que representam 40% dos questionários preenchidos desenvolvem atividades agrícolas. Ao falarmos em jovens do meio rural, estamos também nos referindo a uma maneira de pensar e agir que orienta uma parcela dos jovens que habitam no meio urbano. Lembramos que o meio rural e o urbano encontram-se interligados, é preciso atentar para o fato desta integração não ser uma via de mão única.

Entretanto, no âmbito interno de uma sociedade, existem sempre pontos de tensão que constituem fontes potenciais de mudança que podem assumir múltiplas formas: o conflito de interesses, os valores diferenciados, a privação social, a incapacidade ou a impossibilidade de se alcançar metas com os meios disponíveis, dentre outras. Essas tensões nem sempre promovem mudanças, pois podem ser contidas de várias formas como, por exemplo: com repressão política, com papéis sociais pré-determinados, com sanções religiosas, etc. Se não forem contidas, as pressões oriundas podem rejeitar a tradição e as hierarquias sociais estabelecidas, tentando introduzir novas formas de pensar ou até mesmo alterar a estrutura social vigente (CHINOY, 2006).

Neste sentido o ambiente coletivo das vinculações familiares constitui-se de forma heterogênea, por jovens homens e mulheres, com diversas ligações familiares, com opiniões distintas e, por vezes, conflitantes, enfim, com características que lhes conferem individualidade(s). De acordo com Scoot (2010), seja qual for o seu local de residência ou de trabalho, cada pessoa vive um mundo permeado por culturas edificadas por simbolizações que atribuem, diferencial e dinamicamente, a homens e mulheres, e a crianças, jovens, adultos e idosos, certas características. Desta maneira, o campo está aberto para a elaboração de estratégias de colaboração e de conflito que têm consequências muito significativas para quem mora no ou vive do mundo rural.

## **1.2 A QUESTÃO DE GÊNERO NO ESPAÇO RURAL**

A família é uma unidade indivisível de produção e consumo, hierarquizada, observando gênero e faixa etária, com vínculos de consanguinidade e de afinidade e, eventualmente, de adoção. Apresenta um caráter dinâmico,

abrigando duas ou três gerações no mesmo teto. A hierarquização familiar, o papel da chefia masculina autoritária em muitos casos e o trabalho eram constitutivos dos vínculos familiares (RENKE et al., 2010).

As relações de gênero que a divisão social de trabalho apresenta e, as relações entre homens e mulheres não são construídas em função apenas de suas características físicas e biológicas. Mas, são resultados de um produto social que legitima as relações de poder. Segundo (MOYSES, 2013), a naturalização destes padrões de comportamento leva a crença generalizada de que se deve agir de acordo com determinados moldes, sendo um dos elementos fundamentais da submissão, do não questionamento, da manutenção da ordem e do poder. Mas, justamente pelo contrário, é por meio de insatisfações e questionamentos que se constituem possibilidades de mudança nas formas de ordenação social e de superação de preconceitos e desigualdades.

Gênero e Geração são termos relacionais que implicam em hierarquias e reciprocidades horizontais que são constituídas como relações de poder entre pessoas de sexos e idades diferentes. Desta forma, o Quadro 3 apresenta esta caracterização dos jovens participantes da pesquisa de acordo com o gênero.

Quadro 3. Caracterização de acordo com o Gênero.

<b>Público da pesquisa</b>	<b>Total respondentes</b>	<b>Gênero</b>	
		<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
<b>Alunos Atuais</b>	36	55,6%	44,4%
<b>Alunos Egressos</b>	30	53,3%	46,7%

Fonte: Elaborado por Laércio de Souza, 2021.

As relações de gênero no meio rural, ao mesmo tempo em que definem o lugar do feminino e do masculino, regulando assim o seu pertencimento àquela coletividade também definem esse pertencimento a partir do contraste. É pertencer a um mundo em que sua posição será definida pelo seu comportamento em relação ao sexo oposto.

A caracterização dos jovens participantes da pesquisa de acordo com o gênero, evidência uma maior representatividade do gênero masculino em ambas as situações. Ainda de acordo com (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2008, p. 04) a

juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção estas na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, referências múltiplas, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Ser de um sexo ou de uma idade tem tantas implicações na vida cotidiana, que algumas das estratégias individuais mais marcantes do mundo contemporâneo são das pessoas tentarem fugir da categorização recebida, investindo em *performances* que as retiram dela ou, pelo menos, demonstrarem a capacidade das pessoas utilizarem as categorizações ao seu próprio uso e gosto. São homens querendo ser mulheres e mulheres querendo ser homens, jovens querendo ser adultos e idosos querendo ser jovens e assim *ad infinitum*, passando pelas muitas outras permutações que evidenciam a flexibilidade das adesões identitárias de gênero e geração. Mas não é só isso. São também pessoas que aderem com tanto afinco à sua categoria, que batalham em todas as frentes para que seja beneficiada, justamente por fazer parte dela (SCOOT, 2010).

Os cenários são muitos e, como em qualquer boa peça, se transformam com o desenlace da trama, sendo permeados pelas transcrições públicas e transcrições ocultas das quais nos falamos James Scott (1990) e Erving Goffman (1959). Não há roteiro sem improvisação, e os próprios atores buscam a sua subjetividade e sua compreensão da subjetividade alheia para encontrar estratégias de preservação e de superação diante das teias de poder em que estão envolvidos. Seja qual for o seu local de residência ou de trabalho, cada pessoa vive um mundo mediado por culturas concebidas por simbolizações que atribuem, diferencial e dinamicamente, a homens e mulheres, e a crianças, jovens, adultos e idosos, certas características. Desta maneira, o campo está aberto para a elaboração de estratégias de colaboração e de conflito que têm consequências muito significativas para quem mora no ou vive do mundo rural.

### 1.3 ENTRE O SAIR E FICAR!

Na sociedade contemporânea, de acordo com Kiota e Perondi (2012), o trabalho na agricultura permanece sendo uma atividade herdada, isto é, a transferência do controle e da propriedade do empreendimento ocorre entre membros da mesma família. Esse processo entre duas gerações é um dos processos mais críticos no desenvolvimento da unidade de produção. Os agricultores familiares procuram manter indivisível o patrimônio a partir da seleção de um sucessor. Entretanto, os jovens começaram a desconsiderar as práticas tradicionais de aliança e reprodução do patrimônio. Com isso, a agricultura familiar vem passando por um momento em que os jovens querem ver respeitado os seus projetos individuais, e os pais precisam considerar esses projetos, mesmo que não garantam imediatamente o processo de sucessão na unidade de produção da família.

O processo sucessório é o rito de transferência de poder e de capital entre a geração que atualmente dirige e a que virá a dirigir determinada organização. Da mesma forma acontece nas empresas familiares, sendo um processo lento e gradual, variando de família para família, sendo que quanto mais cedo for realizado, melhor para os integrantes (CARVALHO, 2007; ALHERT, 2009).

É importante compreender que a sucessão na propriedade familiar seja entendida como um processo que engloba vários fatores internos e externos a propriedade que devem ser considerados, e não apenas como a troca de um responsável pelo outro. Segundo Loblely et. al (2010):

Sucessão não é um evento único, mas (ou deveria ser) um processo que tem lugar em um período de tempo extenso. Sucessão é o processo de transferência da gestão dos recursos do empreendimento familiar a um sucessor (ou múltiplos sucessores), ou pode envolver a transferência do capital necessário para estabelecer um novo empreendimento agrícola. Desta forma, é possível distinguir entre sucessão do agricultor e sucessão da ocupação de agricultor.

Para que o/a jovem rural<sup>5</sup> permaneça no campo se faz necessária a “formulação e aplicação de políticas para a permanência dos jovens rurais, contudo, independente desta, acredita-se que é necessário algo mais” (REDIN,

---

<sup>5</sup> “Juventude rural é um tema contemporâneo na imersão das discussões que envolvem a agricultura familiar, a sucessão da terra, o desenvolvimento rural, a segurança alimentar, a reprodução social da família, as futuras interações e estratégias de desenvolvimento” (REDIN, 2012, p. 124).

2014, p.42). Para tanto, conforme apontou Redin (2014), é preciso “algo mais” para a permanência do/da jovem no campo e perpassa pela sensibilização a estas questões e a todas as possibilidades existentes tanto para geração de renda a partir de suas produções quanto no que diz respeito ao entorno de suas propriedades.

De acordo com Mendes e Reis (2010), situar o papel da juventude rural no processo de sucessão familiar requer reconhecer os jovens com condições de: [...] se desenvolver conforme seus anseios, seus desejos, sejam eles monetários sociais ou simbólicos, sendo necessário analisa-los como sujeitos, com possibilidades de escolha, não desinteressada ou neutra, mas consciente do seu papel no tempo e no espaço que ocupam.

Diante disso, quando indagados se em sua família existem/existiam familiares que haviam saído e que retornaram para a propriedade após um determinado período (Quadro 4), assim como os motivos que os levaram a retornar obtivemos as seguintes colocações (Quadro 5).

Quadro 4. Há pessoas em seu grupo familiar que saíram do espaço rural e retornaram?

<b>Público da pesquisa</b>	<b>Total Respondentes</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
<b>Alunos Atuais</b>	36	16,7%	83,3%
<b>Alunos Egressos</b>	30	26,7%	73,3%

Fonte: Elaborado por Laércio de Souza, 2021.

Quadro 5. As justificativas apresentadas para o retorno a propriedade

<b>Público da pesquisa</b>	<b>Justificativas</b>
<b>Alunos Atuais</b>	Desemprego, saudades, condições em relação a liberdade, cidade tinha poucos recursos e ele preferiu voltar e ser autônomo, por gostar de trabalhar no campo, pelo alimento que produzimos e não precisamos comprar.
<b>Alunos Egressos</b>	Casamento com pessoa ligada ao campo, melhores condições de trabalho, gostar de trabalhar na agricultura, falta de adaptação, complementar a renda,

	vida no campo é tudo, após aposentadoria complementar a renda.
--	--

Fonte: Elaborado por Laércio de Souza, 2021.

A relação com o espaço/território em que moram ou moravam se constitui como um vínculo de segurança para os sujeitos jovens, e seus familiares, fazendo com que muitos deles optem por retornar a sua localidade, após terem vivenciado uma experiência fora de seu local de origem. O jovem por mais que queira viver a liberdade, há momentos que chama pelo aconchego dos familiares, até mesmo para aqueles jovens que vivenciaram situações difíceis no ambiente familiar. Isso nos leva a ter em um mesmo espaço conforme VIGANO (2017) {...} pessoas com diversas culturas e histórias de vida, com experiências sociais e geracionais que divergem e se aproximam, que se encontram e desencontram, em questões do mundo do trabalho, das desigualdades, das discriminações, na fragilização social, nas práticas de consumo, no desamparo familiar, enfim, em diversas dimensões que se caracterizam dentro de uma dinâmica social conflituosa.

Esse contato com diferentes realidades, grupos e ideias, faz com que o jovem rural construa a representação social de si. Esta é entendida por Frossard (2003, p.45), como sendo o “conjunto de informações, imagens, símbolos, definições, ideias, crenças, saberes, concepções culturais que surgem das inter-relações coletivas do ser em um dado contexto social”. Pensa-se que estas relações, a partir das quais o indivíduo constrói sua representação social, também interferem na construção de suas identidades, como aponta o autor, quando afirma que “a representação social interfere na construção ou formação das identidades sociais individuais” (FROSSARD, 2003, p.46).

Entretanto, não se pode esquecer que a família também assume um papel importante na tomada de decisão do jovem, pois o seu desejo de permanecer na unidade de produção terá relação direta com o espaço que ele conquista dentro da estrutura produtiva, que, na agricultura familiar, associa família, produção e trabalho (WANDERLEY, 1996). Isso proporciona o reconhecimento simbólico e material do jovem, fator que influencia diretamente as suas escolhas (MENDES; REIS, 2010).

Neste sentido os jovens foram instigados a responder sobre a possibilidade de continuidade das atividades do estabelecimento rural de sua família por parte deles, sendo que 80,6% dos participantes da pesquisa afirmaram que sim e, 19,4% que não haveria condições por diversos fatores. Assim, sendo em relação as incertezas da atividade agrícola, o que colocaria em risco a continuidade no seu ponto de vista (Quadro 6)?

Quadro 6. Incertezas da continuidade das atividades familiares.

Excesso de competitividade e redução do ganho com as atividades	55%
Falta de programas e políticas públicas que incentivem as atividades	44%
Excesso de exigências (sanitárias e legislação) para o setor	36%
Alto grau de endividamento financeiro a que o estabelecimento pode ser imposto a se adequar para as exigências de produtividade	25%
Falta de área para produção competitiva (envolve o custo da terra e impossibilidade de expansão)	25%
Alto custo de investimento em novas tecnologias para produção e comercialização	61%

Fonte: Elaborado por Laércio de Souza, 2021.

Desse modo, o dilema que a juventude tem diante do futuro diz respeito à situação caracterizada pelo fato de que, ao mesmo tempo em que se abrem possibilidades diversas, muitas vezes, alguns jovens, dependendo das condições em que se encontram, não têm o que escolher e ficam acuados pelas condições ambientais, sociais ou psicológicas (CASTRO; CORRÊA, 2005). Assim sendo, é muito comum associar juventude com as crises de identidades, muitas dessas provocadas pelas dificuldades de inserção profissional, pelo aumento das exclusões sociais e transformações da própria condição de ser jovem (DUBAR, 2005).

De acordo com Brumer (2007), a questão da permanência dos jovens no campo está atrelada, principalmente, quanto às questões de acesso a uma renda própria que lhes possibilite gerenciar a destinação de recursos de acordo com seu entendimento e também à busca pela autonomia com relação aos pais no que diz respeito a uma maior participação nos processos de tomada de decisão na unidade de produção onde vivem, bem como em seu entorno (localidade).

É esse mesmo movimento responsável por profundas mudanças no mundo rural, levando a possibilidade de emergência do jovem rural como ator

específico, que por pertencer à uma etapa do *curso da vida* denominada juventude, deve ser compreendido na sua especificidade, ou seja, a partir de sua identidade “geracional” deixando assim de ser simplesmente membro de uma comunidade (PAULO, 2010, p.81).

Significa também percebê-lo como *agente* dinâmico que vivencia mundos diferentes, atribuindo a estes sentidos específicos e a partir de suas ações reflexivas, interfere na transformação dessa própria família e de todo o universo rural do qual participa. Nesse sentido, se pode pensar identidade dos jovens rurais como um processo com base na ideia de continuidade e descontinuidade, entre modelo tradicional e o moderno.

É necessário considerar que os jovens rurais, sujeitos desta pesquisa, não podem ser entendidos como fazendo parte de uma diáspora<sup>6</sup>, e por isso devem ser vistos como híbridos, pois ainda se referem a um “lugar” a partir do qual falam de si e do qual constroem sua visão de mundo (WANDERLEY, 2006). Este lugar é significado e re-significado nas relações com os outros, de acordo com seus interesses.

As interações de atividades no espaço rural acarretam uma nova dinâmica familiar intergeracional de sucessão das atividades e, pela incorporação desses jovens que demonstram o desejo de construir sua vida profissional no campo, desta forma novos papéis são assumidos na família, com o envolvimento ou não dos membros dentro do ciclo de vida familiar, e também por alterações em aspectos sociais, culturais e dos processos de organização e inserção de novas atividades não predominantemente agrícolas.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando a analogia da história de *Alice no país das maravilhas*, o contexto histórico em que está inserido o autor Lewis Carroll é um período de grandes avanços nos campos científico e tecnológico, bem como do surgimento de diferentes formas do pensamento, é, então, uma época de tensão, não só entre o moderno e a tradição, como também entre a religião e a ciência. A

---

<sup>6</sup> Diáspora: Dispersão, espalhamento, disseminação, distribuição, difusão, separação, afastamento, apartamento.

pressão que os adultos recebiam da sociedade era, então, repassada para os jovens, que, logo no início da vida, já eram expostos a um dogmatismo moral e a um maniqueísmo extremista. Percebe-se que dos jovens era esperada uma conduta adulta de comportamento, guiado pelos pais, que representavam as exigências morais da sociedade.

Comparando com os dias de hoje, as transformações sociais e econômicas tendem a gerar profundas perturbações sociais, principalmente quando os indivíduos tiverem que renunciar a antigos modos de subsistência, a expectativas profissionais, a projetos familiares, a valores e lugares onde suas famílias viveram durante gerações. Necessário se faz desenvolver um processo de renovação social para reinventar a família e responder às necessidades dos jovens, das mulheres e dos homens.

A troca de informações com diferentes atores e espaços sociais vivenciados pela juventude, neste caso a rural, levam a perceber a possibilidade da introdução de novas ideias, formas, maneiras de comercialização, como demonstrado nas tabelas anteriores. Nesse interim, a juventude rural tem um papel fundamental neste relacionamento por dominar com mais facilidade e agilidades as redes tecnológicas sociais presentes no território, e que estão disponíveis na propriedade.

A personagem *Alice* foge desse padrão juvenil e do padrão de comportamento vitoriano. Ela se aventura, vai atrás da diversão, do diferente, do prazer que essa experiência poderia trazer para ela, sem pensar nas consequências ou na punição. Ela não é uma personagem juvenil que segue e/ou prega um específico modelo, ela é, ao contrário, para os padrões vitorianos, ousada, porque não se preocupa com as consequências de seus atos.

Essas observações são importantes porque denotam contextos sociais em transformação, o que coloca desafios adicionais para as várias outras instituições e atores que atuam no meio rural. Resumidamente, vê-se que *Alice* não é uma obra escrita com o propósito de moralizar e manipular o leitor, levando-o a acreditar que certo padrão é correto e aceitável, ou que certas atitudes devem ser realizadas. É no desvio do modelo, no estranhamento que causa no leitor uma nova possibilidade de mundo, que o livro de Carroll é um convite à reflexão.

*“Você não deve viver a vida como outras pessoas esperam que você viva; tem que ser sua escolha, pois quando estiver lutando, você estará sozinho...”*  
*Alice no país das maravilhas - Lewis Carroll.*

### 3. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; ESTEVES, L.C.G. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (orgs). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2008.

AHLERT, L. A sucessão das atividades na agricultura familiar. 47º Congresso Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural. Anais... Porto Alegre, 2009.

BRUMER, A. A. Problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M.J; CASTRO, E.G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, p.35-52, 2007.

CARROLL, L. **As aventuras de Alice**: No país das maravilhas – Através do espelho e o que Alice encontrou lá. 3 ed. São Paulo: Summus, 1985.

CARVALHO, V.R.F. Sucessão da atividade na pequena propriedade rural na perspectiva da família e de gênero. XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais...** Londrina – PR, 2007.

CASTRO, L. R.; CORREA, J. Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau, p.9-16, 2005.

CASTRO, E.G.de. Juventude rural: uma luta cotidiana. **Ciências Humanas e Sociais em Revista Seropédica**, RJ, v.30, n.2, jul-dez, p.25-31, 2008.

CHINOY, E. **Sociedade**: uma introdução a Sociologia. Trad. Otávio M. Cajado.16.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUBAR, C. **A socialização: construção de identidades sociais e profissionais**. SãoPaulo: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA DE LIMA, J. **Géoéconomie et développement regional**. Paris: Publibook, 2012.

FROSSARD, A.C. **Identidade do jovem rural confrontando com estereótipo de Jeca Tatu**: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia & Université François Rabelais de Tours: Département des Sciences de l'Éducation et de la Formation, 2003.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. Garden City, NY: Doubleday, 1959.

KIOTA, N.; PERONDI, M.A.; VIEIRA, J.A.N. Estratégia de sucessão geracional na agricultura familiar: o caso do Condomínio Pizzolatto. **Informe GEPEC**, Toledo, v.16, n.1, 2012.

LOBLEY, M.; BAKER, J.R.; WHITEHEAD, I. Farm succession and retirement: some international comparisons. **Journal of Agriculture, Food Systems and Community Development**, Ithaca, v.1, n.1, 2010.

MENDES, D. M.; REIS, M. dos. Juventude da agricultura familiar: gênero em foco. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GENERO: DIASPORAS, DIVERSIDADES E DESLOCAMENTOS. **Anais...** Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 6 p. 2010.

MOYSES, M.; APARECIDA, A.; COLLARES, C.A.L. Controle e Medicalização na Infância. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude**. UFRJ, p.11-21, 2013.

PAULO, M.A.L. **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, 2010. Recife, PE.

PUNTEL, J.A. et.al. **Situação e Perspectivas dos Jovens Rurais no Campo**. **Anais...** I Debate de Circuitos Acadêmicos. IPEA-CODE, 2011.

REDIN, E. O futuro incerto do jovem rural. **Informativo Técnico do Seminário**, Pombal, v. 8, n.1, p.37-43, jan./dez., 2014. Disponível em: <https://www.qvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/view/2969/266>

RENKE, A.; BADALOTI, R.M.; WINCKER, S. **Mudanças socioculturais nas relações de gênero e intergeracionais: o caso do campesinato no Oeste Catarinense**. Gênero e Geração em Contextos Rurais, 2010.

SCOTT, J.C. **Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts**. New Haven: Yale University Press, 1990

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

VIGANO, S. de M. M.; LAFFIN, M. H.L.F. Desafios da educação: relações de gênero e sujeitos LGBT. **Revista Inter Ação**, v.42, n.3, p.656–673, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/48808>

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: encontro anual da ANPOCS, 20.1996, Caxambu. **Anais...** Sao Paulo: ANPOCS, p.1-30, 2006.

\_\_\_\_\_. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J.C. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, p.23-56, 1999.